



MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES

BOLETIM DE ENLACE

Volume 14 - Número 4 - Dezembro de 2012

Editorial

Nos últimos dias de 2012, olhamos para trás, e nos parece real o poema “Ser mulher é viver em uma guerra constante”. Neste ano, vivemos processos de criminalização de companheiras na Guatemala, Irã e Turquia. Vimos as agressões crescentes de milícias salafistas contra a União Geral de Trabalhadores da Tunísia (UGTT) e agora, na semana passada, o ataque do exército israelense à oficina de Ramallah da UPWC (União Palestina de Comitês de Mulheres). Além disso, seguimos atentas à ocupação do norte de Mali por islâmicos fundamentalistas e às ofensivas de rebeldes no leste da República Democrática do Congo. Estamos preocupadas com nossas companheiras de caminhada, e perguntamos como podemos fazer com que nossa solidariedade seja forte para ajudá-las a impulsionar as mudanças pelas quais lutam.

Ao longo de 2012, organizamos nossa resistência às políticas de austeridade da União Europeia em uma campanha continental que propõe reorganizar as prioridades da economia e da política por uma vida que valha a pena ser vivida. Compartilhamos a resistência de nossas companheiras do norte do Peru contra o projeto mineiro Conga e tantas outras lutas. Elas se somaram ao nosso rechaço às falsas soluções do mercado para os problemas socioambientais, que expressamos fortemente durante as mobilizações e assembléias da Cúpula dos Povos por justiça social e ambiental, paralela à Rio+20. Ademais, somamos nossa solidariedade à de outras organizações de mulheres e movimentos sociais para que o povo palestino recupere seu território, destrua os muros e possa viver com justiça e paz.

Nem o calor e nem o frio extremo nos impediram de ocupar as ruas mais uma vez, quase no final do ano: a energia da indignação, de nossos sonhos e das vitórias que conseguimos nos moveu nas nossas 24 horas de Ação Feminista através do Mundo.

INTERNACIONAL

Mulheres em 37 países participam das 24 horas de Ação Feminista através do Mundo!

Marchas, performances, *sit-ins*, e outros tipos de manifestações de rua, além de iniciativas junto aos meios de comunicação, reuniões, oficinas e seminários marcaram as 24 horas de Ação Feminista através do mundo, que ocorreram entre o meio dia e a uma da tarde (hora local em cada país) do dia 10 de dezembro de 2012. No total, houve ações em quase 70 cidades de 37 países: África do Sul, Alemanha, Bangladesh, Bélgica,

Bolívia, Brasil, Canadá, Catalunha, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Estados Unidos, Euskal Herria (País Basco), Filipinas, França, Galícia, Guatemala, Haiti, Honduras, Inglaterra, Japão, México, Moçambique, Nepal, Nova Caledônia, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Québec, Quênia, Romênia, Sahara Ocidental, Suíça, Tunísia e Turquia.



Bangladesh



México



Com dança, canções e encenações teatrais, as militantes das cidades de Manila e Ilhas Bohol, nas Filipinas, defenderam a aprovação da lei pelos direitos reprodutivos das mulheres, a justiça climática e o salário igual para trabalho igual como propostas em direção ao fim da opressão das mulheres.

A ação de Moçambique incluiu a construção do mural "Vítimas da Violência", com cartazes, artigos e outros materiais publicados pelos jornais sobre casos de agressões contra mulheres. As participantes da ação e o público em geral puderam ler sobre os casos, escrever mensagens de repúdio à violência e de solidariedade às mulheres.

A denúncia da violência como estrutural do sistema capitalista e patriarcal, como ferramenta de controle dos territórios das mulheres – seu corpo e seu trabalho, suas terras e seus recursos – e a demanda pelo fim da impunidade contra os perpetradores da violência foram eixos principais das ações que se realizaram na Nova Caledônia, Nepal, Filipinas, Moçambique, Quênia, Alemanha, Chile, Bolívia, Haiti, Honduras e Equador. A violência sexista foi tema também no Canadá, onde a coalizão Rebeldes lembrou e analisou, sob a perspectiva feminista, o massacre promovido por um estudante da Escola Polytechnique de Montréal, que,

em 6 de dezembro de 1989, assassinou 14 colegas, todas mulheres.

Em conjunto com organizações de direitos humanos, a MMM do Haiti (foto à direita) organizou um sit-in em frente ao Ministério da Justiça, para exigir a prisão de um alto funcionário do Estado, responsável por agredir uma mulher.



Alemanha



Bolivia



Chile



Quênia



Nepal



Inglaterra

Sob a forma da criminalização de protestos sociais e da repressão contra ativistas e defensoras dos direitos humanos, a violência praticada pelo Estado, por suas forças de segurança atuando segundo interesses privados, ou por grupos religiosos fundamentalistas, foi elemento central das ações realizadas na **Bélgica, Turquia, Tunísia, Guatemala, México, Panamá e Paraguai**. Na **Turquia**, as manifestações ocorreram nas

idades de **Ankara, Antalya, Bursa e Istambul**, e demandaram a libertação de mulheres prisioneiras, em sua maioria militantes sindicais, que contaram também com a solidariedade internacional das ativistas na **Bélgica**. A luta pela paz e contra a militarização esteve presente em várias ações, assim como na dos **Estados Unidos**, país que mais gasta com a indústria de armas e da guerra.



Bélgica



Paraguai



Estados Unidos



Guatemala



Ankara, Turquia

A denúncia do modelo de desenvolvimento capitalista que, para se salvar de sua crise, avança sobre os direitos humanos universais impondo medidas “austeritárias” (austeras e autoritárias) foi eixo central das ações na maioria dos países da Europa, com especial atenção para o direito à saúde pública e ao aborto com segurança. Nas ruas de várias cidades da **França, Catalunha, Suíça, Euskal Herria (País Basco), Galícia e Portugal**, as mulheres denunciaram os cortes do orçamento público, que afetam principalmente as

mulheres e ainda mais as mulheres pobres e imigrantes. Elas são triplamente afetadas: seja por ficarem sem acesso a cuidados de saúde, seja como trabalhadoras exploradas nesse setor, seja como cuidadoras de doentes e de crianças que ficam sem acesso aos serviços básicos de saúde e educação. A privatização dos serviços de saúde pública foi assunto também da ação na **Colômbia**.



Catalunha



França



Galícia



O ataque ao direito ao aborto seguro na Europa, com o fechamento, por corte de recursos, de

vários centros de interrupção voluntária da gravidez em vários países onde esse direito já estava garantido, é simbólico de uma ideologia conservadora que avança nesses tempos de crise do capitalismo, e que intenciona tirar as mulheres dos espaços públicos e mandá-las de volta para casa. A descriminalização do aborto foi tema também da ação do **Japão**.

De maneira criativa, como em uma hora de Aerobic-Body Combat nas ruas de Bilbao, Donostia, Vitoria-Gasteiz e Panplona-Irunha, em Euskal Herria (País Basco), as militantes da MMM garantiram: continuaremos a marchar, resistir e nos fortalecer para enfrentar o capitalismo e o patriarcado!"



A denúncia da ocupação e da apropriação dos territórios e recursos naturais das mulheres como outra face do mesmo modelo capitalista e patriarcal foi o eixo condutor das ações realizadas no **Brasil, Perú e Québec**. O papel das transnacionais mineiras na apropriação das riquezas naturais – água, terras, minerais –, na violação dos direitos humanos e ambientais e na criminalização dos movimentos sociais que denunciam sua atuação foi tema de vigílias feitas em várias cidades do Perú, mas também em ações realizadas no Québec, país de origem de várias dessas empresas.

No **Brasil**, as ações se centraram na solidariedade com os movimentos sociais da chamada Chapada do Apodi, na região Nordeste, onde um projeto de irrigação ameaça destruir mais de 50 anos de desenvolvimento e convivência com o semi-árido, beneficiando somente cinco empresas. A denúncia do agronegócio, que destrói a agricultura familiar, concentra renda e terra nas mãos de poucos, impõe o uso de agrotóxicos, afetando a saúde de milhões de pessoas e empurrando outras centenas para a miséria, multiplicou-se de norte a sul do país em Araras, Belo Horizonte, Brasília,

Quixadá, Feira de Santana, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Santa Cruz do Sul, São Paulo, Araguaina, Curitiba e São João del Rey, além da própria região de Apodi. As manifestantes, em várias dessas ações, também se solidarizaram com as mulheres de outras partes do mundo, que cotidianamente resistem à ocupação de seus territórios, como as sarauis e as palestinas.



Apodi, Brasil



Québec



Peru

No dia 10 de dezembro, que marca também a jornada internacional pelos direitos humanos, lembramos que nós temos o direito à igualdade, a participar do espaço público, a ser escutadas, direito que foi reivindicado em ações em muitos países, como em **Bangladesh**. Poder organizar-se, ter reconhecido seu trabalho e ter acesso a direitos trabalhistas é a demanda de muitas trabalhadoras domésticas de todo o mundo, como as da **África do Sul**, que se reuniram na data para defender e reafirmar, uma vez mais, suas lutas e reivindicações. Já o direito à autodeterminação dos povos, a definir seu

modo de vida e sua forma de desenvolvimento marcou as ações em **Cuba**, que sofre tentativas constantes de ataques à sua soberania, assim como a ação feita no acampamento de refugiados do **Saara Ocidental**, localizado em Tinduf, Argélia, onde as mulheres rechaçaram a ocupação marroquina, as detenções arbitrarias, a tortura, o maltrato, as violações na zona ocupada, o muro da vergonha que separa a inúmeras famílias, assim como todas as formas de agressão que sofrem as saharauis.



África do Sul



Cuba



Acampamento de refugiados saarauis em Tinduf, Argélia



Nossa ação nos permitiu avançar também na luta contra o controle corporativo da comunicação. Conseguimos desenvolver nosso próprio meio de comunicação para a ação – o site

<http://www.24heure.s2012.info> – e nos tornamos todas comunicadoras,

enviando instantaneamente fotos do que estava acontecendo nos países, assim como informes em texto, áudios e vídeos da preparação e do pós-ação. O site agora torna-se um espaço dinâmico de informação e memória de nossos feitos.

Com nossas 24 horas de Ação Feminista através do Mundo, nós, da Marcha Mundial das Mulheres, mostramos mais uma vez que, nas ruas e nas redes, estamos alertas ao que se passa no mundo, e afirmamos que estamos prontas para resistir e promover nossas alternativas.

Clique em [para ler a Declaração Internacional da MMM](#) para a data.

Rumo ao 9º Encontro Internacional da MMM, em 2013, no Brasil

O 9º Encontro Internacional (EI) da MMM acontecerá entre a segunda e a terceira semana de agosto de 2013, no Brasil (em cidade ainda a confirmar). Na última reunião do Comitê Internacional, que ocorreu no País Basco em outubro do ano passado, definimos os objetivos do Encontro e as propostas para a programação.

Neste encontro, seguiremos trabalhando para fortalecer a Marcha Mundial das Mulheres como movimento permanente, com capacidade de influenciar o contexto político e econômico através:

- do aprofundamento e visibilidade de nossa análise política, nossas alternativas e resistências;

- da decisão e planejamento da 4ª Ação Internacional;
- da escolha da Coordenação Nacional que irá receber o Secretariado Internacional e estabelecimento do processo de transição que assegure sua continuidade;
- do fortalecimento da organização das Coordenações Nacionais mediante o intercâmbio de experiências.

A MMM Brasil manifestou, na reunião do CI, sua vontade de utilizar o EI como momento de forte mobilização tanto nacional como da subregião Cone Sul da MMM (que inclui a Argentina, Chile e Paraguai), com o objetivo de apresentar nossa experiência na construção do movimento e de nossas contribuições ao

feminismo mundial. Na reunião, avaliamos de forma positiva esse desejo, e buscamos formas de compartilhá-lo e integrá-lo com as necessidades de tomada de decisões na Assembléia de delegadas.

A programação que propomos começa com uma atividade de abertura, seguida de dois dias de formação e de debate feminista, com a participação de todas as delegadas das Coordenações Nacionais no Encontro e as ativistas da MMM que desejem participar, que virão, em maioria, da subregião. Logo depois, as delegadas terão três dias de assembléia para as decisões com relação a nossa próxima ação internacional e nossa organização interna. Paralelamente, as demais ativistas

da MMM participarão de oficinas e atividades autogestionadas. No último dia, nos reuniremos todas em uma grande assembléia durante a manhã, para compartilharmos o que vivenciamos nos diferentes espaços. Para finalizar, à tarde ocuparemos as ruas em uma grande mobilização.

O Comitê Internacional e a Coordenação Nacional da MMM do Brasil seguirão trabalhando sobre os temas e metodologia das atividades de formação, e esperamos concluir o programa na próxima reunião do Comitê Internacional, prevista para abril de 2013. Porém, as datas precisas e o local do EI serão definidos o mais cedo possível.

ALIANÇAS E MOBILIZAÇÕES

Até que a Palestina seja livre!

Mais de 10 mil pessoas participaram, no dia 29 de novembro, da marcha de inauguração oficial do Fórum Social Mundial Palestina Livre, realizado entre os dias 28 de novembro e 1º de dezembro, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (Brasil). Em torno de 2.500 participantes, vindos de 36 países e de mais de 230 organizações se inscreveram no fórum, que contou com conferências sobre os cinco eixos estabelecidos, e com mais de 120 oficinas, seminários e outras atividades autogestionadas, inclusive culturais. Do total de participantes, mais de 250 eram palestinos que vieram da Palestina ocupada ou refugiados que vivem em outros continentes. Nós, da MMM, contamos com uma presença de pouco mais de 100 delegadas, de distintos Estados do Brasil, assim como do Québec, Palestina e África do Sul.

A organização do Fórum enfrentou todo tipo de pressão por parte da comunidade israelita, que atuou junto aos governos e instituições locais para que retirassem seu apoio ao evento, o que resultou na perda de espaços físicos para a realização de atividades e no corte de recursos que impediram a presença de

líderes e personalidades-chaves para a luta palestina. Porém, os movimentos sociais, grupos e comitês de solidariedade à frente da organização do Fórum no Brasil se mantiveram firmes em sua decisão de garantir o espaço de encontro e diálogo, e de construção de estratégias concretas de resistência. Em vários momentos, as/os palestinas/os agradeceram os movimentos sociais do Brasil por terem assumido esse desafio.

Khitam Saafin, da UPWC (União Palestina de Comitês de Mulheres), grupo de referência da MMM na Palestina, destacou que o Fórum foi um grande passo para os movimentos sociais de todo o mundo. “Vimos que a causa palestina não está isolada, é parte de uma luta global por liberdade e democracia ao redor do mundo”. O Fórum foi um momento de encontro entre as/os próprias/os palestinas/os, que não têm liberdade para deslocar-se na Palestina, e que depois de muitos anos se encontraram no Brasil.



Atividade “A luta de resistência das mulheres palestinas”, 29 de novembro, organizada em conjunto pela MMM, a Federação Democrática Internacional de Mulheres (FDIM), União Brasileira de Mulheres, Confederação de Mulheres Brasileiras (CMB), além da CUT, MST/Via camponesa, Kairós e outras.



29 de novembro, Marcha de abertura do fórum no Dia Internacional de Solidariedade à Palestina. Ver vídeo em: <http://coletivocatars.com.br/home/?p=3012>



Assembléia de Movimentos Sociais, 1º de dezembro: lemos e confirmamos nossa aprovação ao documento de referência que orientou a construção do FSMPL

Galeria de fotos da MMM no FSMPL:

<http://www.flickr.com/photos/marchamulheres/>
Vídeo sobre a actividad do 29 de novembro:
http://www.youtube.com/watch?v=hefij_UsUEk

Lorraine Guay, da MMM Québec, assinalou: “Este encontro jamais seria possível no Canadá, pelas dificuldades de emitir visto para palestinos (...) Se já é muito difícil entrar na Palestina, é mais difícil para sair. Então, ter esse Fórum, onde podemos nos encontrar, compartilhar análises e experiências de vida é muito importante. Estou segura que o Fórum vai fortalecer também o momento político na Palestina”.

Nós, da MMM, trabalhamos muito duro na organização do Fórum. Compreendemos que a causa palestina é da esquerda de todo o mundo, de todos os movimentos sociais e que temos que ser solidárias, principalmente com as mulheres, que vem sua situação na sociedade piorar com a guerra e a ocupação.

Nossos compromissos futuros

A libertação da Palestina é um ponto fundamental na agenda da esquerda mundial. Para que isso se concretize, durante nossa atividade, realizada no dia 30 de novembro – “Construindo solidariedade através da ação” (foto) – identificamos algumas tarefas fundamentais:

- **Fazer um trabalho interno na MMM.** Isso implica: organizar um amplo processo de debate e educação popular, que significa realizar ações de mobilização, conhecer e denunciar os interesses de nossos governos e das corporações transnacionais que se aproveitam da ocupação na Palestina; trabalhar com as mulheres da diáspora palestina em nossos países; relacionar a questão palestina no contexto da luta por autonomia e soberania dos povos, fortalecendo as lutas que fazemos também em solidariedade com as companheiras do Saara Ocidental, que vivem sob ocupação do Marrocos, e com as curdas, cujo território está dividido em vários países, e que sofrem repressão especialmente por parte do governo turco.

- **Com relação aos movimentos sociais e nossos processos de aliança, colocar o tema da visão feminista,** vinculando a crítica ao capitalismo e ao patriarcado,

“Colocamos a questão do muro do patriarcado: queremos derrubar o muro imposto criminalmente por Israel, mas também derrubar o muro do patriarcado que está na Palestina e no mundo todo”, reforça Sonia Coelho, da MMM Brasil.

Wihelmina Trout, da MMM da África do Sul, destacou a importante presença da delegação de seu país: “Para nós que lutamos contra um regime de *apartheid*, era importante compartilhar nossas experiências com as companheiras e os companheiros palestinos, para que saibam que é, sim, possível libertar a Palestina”.

Estaremos em marcha até que todas sejamos livres, mas não seremos livres enquanto a Palestina não for liberta!

seja na Assembléia de Movimentos Sociais, seja nas ações conjuntas que realizamos com os Amigos da Terra Internacional e a Via Campesina.

- **Aprofundar a participação na campanha por BDS (boicote, desinvestimento e sanções)**, a partir de uma

perspectiva feminista: mais além das empresas de cosméticos e outras, nosso alvo maior poderia ser a indústria de armas, o que nos permite estabelecer relações com um dos nossos campos de atuação, da desmilitarização e violência contra as mulheres. Sabemos que a grande circulação de armas consideradas “leves” ou “pequenas” resulta em mais

mortes de mulheres em situações de violência doméstica.

- **Construir e aprofundar ferramentas de comunicação dos movimentos sociais e a convergência** entre eles para romper o cerco imposto pelos meios de comunicação convencionais, que ocultam a ocupação israelense na Palestina.

- Avaliar a possibilidade de **organizar missões de solidariedade na Palestina**, que originalmente foi uma das alternativas de lugar de encerramento da Terceira Ação Internacional, realizada em 2010.



O Boletim de Enlace é editado pelo Secretariado Internacional (SI) da Marcha Mundial das Mulheres, distribuído por email. **Contato:** Rua Ministro Costa e Silva, 36 • Pinheiros, São Paulo, SP • Brasil • 05417-080 Tel: +55 11 3032-3243 • Fax: +55 11 3032-3239 • E-mail: info@marchemondiale.org • Site web: <http://www.marchamundialdelasmujeres.org>

Colaborações nesta edição: Alessandra Ceregatti, Miriam Nobre **Tradução e revisão:** Alessandra Ceregatti, Celia Alldridge, Kim Park, Laurel Clausen, Maria Julia Monteiro, Mônica Salom, Vanessa Sigaud **Fotos:** Cintia Barenho, Bernardo Jardim/Sul 21 Para **receber** este boletim, enviar um email a info@marchemondiale.org com “Inscrição no boletim” no campo assunto. Para **cancelar** sua inscrição, enviar um email a info@marchemondiale.org com “Desinscrição do boletim” no campo assunto.